

Editorial



Em Janeiro começou a trabalhar a nova equipa dirigente com vontade de continuar a prosseguir os nossos objetivos e de enfrentar os desafios que nos são colocados!

Recebemos com muita apreensão a notícia dada pela autarquia de que, por razões de contenção económica, teríamos de mudar brevemente para as antigas instalações do IEFPP no Bairro 1º de Maio, espaço a partilhar com outras instituições.

A nossa apreensão deve-se ao facto de vermos tolhidas as nossas expectativas de crescimento, pois o espaço é semelhante ao atual, com a agravante de não possuir arrumos, o que irá seguramente tirar espaço às salas de aulas.

Com as mesmas salas, com menos espaço, sem possibilidade de ter um espaço onde se possa esperar pela aula sem perturbar as aulas que estão a decorrer, poderemos ser forçados a limitar as inscrições de novos alunos.

Vamos continuar a trabalhar e a procurar formas e oportunidades para conseguir ultrapassar estes constrangimentos. Conseguimos uma nova vida para nós e para os seniores da nossa Cidade. Temos esperança que esse facto seja reconhecido até porque este ano é o Ano do Envelhecimento Ativo!

Assunção Duque

Ficha Técnica

Diretora
Amélia da Assunção Baptista Duque
Editora
Rita Elias
Colaboradores
António Courelas
Assunção Duque
Cacilda Prazeres da Silva
Carolina Palminha
Dulce Gomes
Ivone Maú
Maria Teresa Palmeira
Mina Chameco
Rita Duarte
Rita Elias
Victor Mendonça

Fotografia
Alunos e professores da PROSAS
Amigos
Câmara Municipal de Sines

Apoio e Impressão
Câmara Municipal de Sines

Associação PROSAS,
Projecto Sénior de Artes de Sines
IPSS
Av. Domingos Rodrigues Pablo, 3B
7520-102 Sines
www.prosas.org.pt
associacao@prosas@gmail.com
Telefone 269 085 570

Universidade Sénior certificada pela
RUTIS, Rede das Universidades da
Terceira Idade

Parabéns!



Aniversário do PROSAS, comemorado no dia 6 de outubro.



A «reitora» a discursar!



Cada um trouxe o seu petisco!



O convívio

Tomada de posse dos novos órgãos sociais

No passado dia 2 de Dezembro tomaram posse os novos órgãos sociais que ficaram assim constituídos:

Mesa da Assembleia Geral

Presidente
António Jacinto Bonifácio Courelas
Secretária
Maria do Céu do Ó Baltazar Lopes Paulo
Secretário
Lúcio Pereira Vilela

Direção

Presidente
Amélia da Assunção Baptista Duque
Vice-Presidente
João Luciano Eulálio Marcelino
Secretário
Mário José Duarte Búzio,
substituído pela primeira suplente
Tesoureira
Maria de Lurdes Baptista Horta Pereira
Vogal
Júlio Mendes Augusto,
substituído pelo segundo suplente
1º suplente
Teresa de Jesus Antunes Ferreira Araújo
2º suplente
António Filipe Guerreiro da Costa Beja

Conselho Fiscal

Presidente
Luís Maria Venturinha de Vilhena
Secretária
Maria Indiana Correia de Lima Almeida
Vogal
Carlos Gonçalves Lopes Paulo



A festa



A apresentação da nova lista e programa de ação



A Assembleia



A tomada de posse



A tomada de posse

A comemoração do dia de S. Martinho



A Preparação

A Festa

...e as canções

Dia de S. Martinho

(estribilho)

Castanhas quentinhas
Tão bem assadinhas
Ora provem por favor
Tenho aqui para vos dar
Castanhas a estalar
Dentro do meu assador!

I

As castanhas que aqui trago
Foram assadas pelo Zé, (palmas)
Ele tem muito cuidado,
Ele sabe como é, (palmas)
Um fogareiro de barro,
Um punhado de carvão, (palmas)
O lume bem ateadado,
Pra manter a tradição!

(estribilho)

Castanhas quentinhas
Tão bem assadinhas
Ora provem por favor,

Tenho aqui para vos dar
Castanhas a estalar
Dentro do meu assador

II

Para serem saboreadas,
Diz o povoe assim é (palmas)
Têm que ser acompanhadas
Com uma boa água pé! (palmas)
Numa tarde como esta
Brindemos com um copinho (palmas)
Vamos lá fazer a festa
É Dia de S.Martinho!
(estribilho)

Ivone Maú
11 de novembro de 2010

Novo encontro de amigos



No dia 29 de outubro deslocamo-nos a Setúbal. Fomos observar a maravilhosa paisagem da Serra da Arrábida, visitar o Castelo de S. Filipe e retribuir o encontro ocorrido em Sines em abril de 2011 com o grupo de seniores da Freguesia de S. Sebastião. Almoçamos, convivemos e lembramos o passeio às Roquetas del Mar. O próximo encontro vai ser em Sines!



Dar sentido à vida

Sou uma jovem sem idade
Que está na Universidade
Para mais coisas aprender
Como Já alguém o disse
Ter idade não é velhice
E que parar será morrer

Como menina de escola
Carrego na minha sacola
Os diversos materiais
Levo tudo na bagagem
Para nova aprendizagem
Porque saber não é demais

Até sem ter voz sou cantora
Sem talento sou pintora
Nos computadores atrevida
De cabeça bem levantada
E os pés firmes na calçada
Eu quero dar sentido á vida

E nesta vida que adoro
Tudo o que posso explorar
Para ir sempre evoluindo
Por isso não vou deixar
Na Universidade de andar
E levo a vida sorrindo

A vida seria tão vazia
Se ao nascer de cada dia
Eu me fechasse na gaiola
Mas ainda está para nascer
Quem nela me vá prender
E me retire a sacola.

Teresa Palmeira
18 de janeiro de 2012

A vida é!

A vida é como um sopro de vento
Que deseja ainda manter-me acordada
É força dum corpo em movimento
Que hoje é pouco e amanhã será nada

A vida é uma lágrima perdida no tempo
Mas que volta sempre não sendo chamada
É chama que arde já com pouco alento
Rua que termina quando finda a calçada

A vida é sombra que sendo passageira
Ela tão somente se queira ou não queira
É quase comparável á velocidade da luz

Mas a vida é rasto não deixado em vão
Porque Deus lá no alto pôs-nos a condição
De vivermos em Amor como o faz Jesus

Teresa Palmeira
18 de janeiro de 2012

Outra primavera

Muda o tempo, mudam as Estações
Mudam Leis da Ciência
Só não mudam ilusões
Num País de incompetência

Preparem-se os corações
Para enfrentar a nova era
Mais um ano de emoções
Com a nova Primavera

Neste País onde vivemos
Dividido por estações
Não será bem o que queremos
Deixemo-nos de ilusões

Primavera dos amores
Traz-nos novas alegrias
Até o cheiro das flores
Pode trazer melhorias

A. Courelas
Sines, 20 de março de 2011

O Livro e a Vida

Nas páginas de pergaminho doirado
do livro na minha memória guardado
procuro com afã e muito cuidado
o "flash" primeiro que lá ficou gravado.
e, por cenário bucólico rodeado...

Juntinho ao valado ou à caniçada
com passadas largas que marcam o chão
camisa clara de manga arregaçada
caminha seguro de enxada na mão.

E ao virar a página, a mui desejada
boneca em borracha, sorrindo rosada.
E os lindos sapatos de cor encarnada
comprados com esforço no fim da jornada.

Em noite de Outono, sem chuva mas fria
esperava por mim na rua vazia.
P'ró almoço de Natal, oh que alegria!
um freqüês amigo consigo trazia.

E já na "casinha" joga dominó.
Tem muitos amigos, não se sente só.
E quando o seu tempo já custa a passar
sentado à janela vamos conversar.

"A minha mãe era uma boa modista,
o meu avô trabalhava na cortiça
e o meu pai passou a vida a soldar.
Dos meus irmãos pouco tenho a recordar."

E em final de tarde, para o mar olhando
vê o pôr do sol. "Onde irá ele chegando?"
Seu olhar claro, terno e brilhante
fixa a estrada doirada e ondulante.

A noite cai, mas fica-nos a certeza
amanhã virá cheio de cor e beleza.
Nos jardins lindas flores vão abrir.
Muitas crianças para a vida irão sorrir.

E as páginas de pergaminho doirado
do livro na minha memória guardado
fecham-se com suavidade e muito cuidado
preservando o tesouro que ali está gravado.

A meu pai, no centenário do seu nascimento.
Cacilda Silva

Eu não fui nada na vida
Por não ter facilidade
Tu tens a vida perdida
Por falta de faculdade

Eu queria ter estudado
Ser culta, ser educada
Mas disto não tive nada
E ninguém disso é culpado
Apenas este meu fado
Que me quis desiludida
Dele sim, estou ofendida
Devo-lhe esta solidão
Meus dias terminarão
Eu não fui nada na vida

Eu ainda quis lutar
Minhas forças me falharam
E os sonhos acabaram
Tudo me veio enlutar
Não pude continuar
Foi-se a oportunidade
Aceitei esta verdade
Escolhi a cobardia
E perdi a primazia
Por não ter facilidade

Tu és o inverso meu
Pois nasceste em berço d'Ouro
Tiveste á mão um tesouro
Como fumo se perdeu
O mundo isso te deu
Bela dádiva, oferecida
Foi por ti despreendida
Deitada p'la porta fora
Pois agora, aceita e chora
Tu tens a vida perdida

Puseram-te em bons colégios
Tendo pensão e mesada,
Não foste capaz de nada
Tendo tantos privilégios
Apenas de sacrilégios
Se fez tua mocidade
Orgias, cretinidade,
A vida se foi passando
E teus fracassos somando
Por falta de faculdade

Mina Charneco

Poema às mulheres que já choraram

A ti que já choraste
Depois de rires
Amares e sentires.

A ti que já descreditaste
E depois amás-te.

A ti que já sentiste
O perfume da laranjeira
Em flor
E depois calás-te.

A ti que já gozaste,
Já pariste,
E já tentás-te
Novamente sentir

...o amor...
Amor de amada, desejada, querida,
Mulher, perdida, encontrada, amiga,
Aquele,
Que nem sempre nos faz
Sorrir

Formula mágica
De encanto
De tristeza agonia
Dor ferida
Fúria raiva
Pasma pranto
Sentir tão sentido
Tão desejado, tão querido,
Receita de alquimia
Da amizade, da ternura,
Do carinho e da alegria.

E vivam os vivas
Á mulher bicho
Anjo, demonio
Tudo aquilo que consegues
Transformação de momentos,
Desejos sentidos,
Vindos em pensamentos.

A ti um viva,
Três vivas,
Todos os que pensares,
Pelos lágrimas,
Pelos passos,
Pelos aís,
Pelos abraços.

A ti um viva
Três vivas
Todos os que desejares,
Pelos ódios,
Pelos guerras
Pelas fúrias
Com que as enterras.

A ti um viva
Três vivas
Por tudo o que já sofreste
Por o silêncio
Por o desejo...

A ti um viva
Três vivas,
Todos os que ainda não viveste
Por o sentir, amar
Rir e gozar
Que ainda não tiveste.

E viva, viva e viva, todos os vivas a ti...
mulher.

Rita Duarte
8 de março de 2011

PROSAS

PROJETO SÉNIOR DE ARTES E SABERES DE SINES

Jornal didático e informativo sobre atividades da PROSAS | Número 4 | 2º Trimestre 2011/2012 | Edição: PROSAS | Impressão: Câmara Municipal de Sines

Visita às Minas de S. Domingos



Visita ao Palácio de São Bento



Informática nas aldeias



Tomada de posse dos novos órgãos sociais do Prosas





Visita ao Palácio de S. Bento, sede da Assembleia da República, no dia 15 de novembro.

Visitamos o edifício e tivemos a oportunidade de assistir por momentos aos trabalhos parlamentares

O Palácio de São Bento tem as suas origens no primeiro mosteiro beneditino edificado em Lisboa, remontando a sua construção ao ano de 1598. Posteriores alterações significativas na sua localização original foram efetuadas por necessidade de mais espaço para albergar uma comunidade religiosa em crescimento, assim como por motivos de salubridade e desejo de maior proximidade com o núcleo urbano e seus fiéis. Terá sido em 1615 que a Ordem escolheu o local definitivo para a instalação da irmandade dos monges de hábito negro, numa quinta adquirida a Antão Martines, onde se encontrava a Casa de Saúde para acolhimento dos pestíferos vitimados pelo surto de 1569.

O novo mosteiro de São Bento da Saúde, ou dos Negros, foi, com efeito, aí construído segundo projeto inicial de Baltasar Álvares, continuado, após a morte deste, pelos frades Pedro Quaresma e João Turriano, satisfazendo agora as necessidades das novas práticas do culto religioso resultantes da reforma beneditina e do Concílio de Trento. O edifício, mais complexo, autossuficiente e extenso que o primeiro em termos estruturais e espaciais, assentava numa planta quadrada com quatro claustros, uma igreja com capelas laterais, ladeada por duas torres, dormitórios, barbearia, cozinha, refeitório, adegas, lagar, forno e oficinas.

Ainda não haviam sido terminadas as obras quando o convento sofreu alguns danos com o terramoto de 1755. Porém, foi com a Revolução Liberal de 1820 e a extinção das ordens religiosas em 1834 que a vida conventual sofreu a grande derrocada, sendo o edifício afeto à instalação do Palácio das Cortes, ou Parlamento.

Foi, então, entregue ao arquiteto Possidónio da Silva a responsabilidade de uma abreviada adaptação do espaço religioso às necessidades do novo propósito laico político, sendo aproveitada a Sala do Capítulo para instalação da Câmara dos Pares e feita de raiz a Câmara dos Deputados.

Só em 1867 o arquiteto Jean François Colson projetou a verdadeira reformulação da primeira sala, tornando-a mais funcional e digna da nova utilização. Com o incêndio de 1895 revelou-se urgente a reconstrução, tendo, para tal, sido aberto concurso que selecionou o projeto de Miguel Ventura Terra que, caracterizado por uma estética neoclássica, este acabaria por remodelar não apenas a sala, quase todo o edifício, conferindo-lhe uma dimensão monumental, bem distante do discreto estilo-chão conventual, como convinha à importância do órgão parlamentar aí instalado.

A partir dos anos 20, a direção das obras foi entregue ao arquiteto Adolfo Marques da Silva que concebeu algumas alterações ao projeto inicial não apenas dos pormenores finais das fachadas, mas também em detalhes no acabamento dos interiores e, essencialmente, ao nível de todo o programa decorativo.

Durante os longos 50 anos em que decorreram as obras, foram criadas a antecâmara dos Deputados, a Sala dos Passos Perdidos, a Escadaria Nobre, a Biblioteca Parlamentar e o Salão Nobre, sendo as últimas já concebidas e efetuadas nos anos 40 do século XX, dentro de uma nova conceção estética e utilitária característica do Estado Novo.

(informação recolhida no site oficial da Assembleia da República)



História do amor

Pequenino mas muito rebelde, desde cedo se mostrou assim, o Amor...

Cheio de vida e de cor e muita inquietação, nasceu sem pedir licença, no senhor coração. Todo sorriso e cor, com chorinho e esperneando, o menino demonstrou que já estava mandando. Corriam daqui e dali, curiosos de toda a parte, e o menino espertinho até os recebia com arte.

De Bom tinha a doçura, de mau a velhaquice, e a seus pés se renderam da juventude á velhice. Espertalhão e manhoso, sem limites foi crescendo, a ter o que desejava cedo foi logo aprendendo. Todo sorrisos suaves e olhares brincalhões, entre troca de olhares foi ganhando corações.

Do Jardim d'Infância á Primária, do Ciclo ao Liceu, passando p'la Faculdade num ápice aprendeu. Criança jovem adulto, Senhor Doutor Engenheiro, de canudo já na mão tornou-se em taberneiro.

Resolveu tirar licença de condução, stops não respeitava, sempre fora de mão, Jogo mulheres álcool, beach casino hotel, o menino Amor passou a andar de bordel em bordel! Rebelde e aventureiro, por natureza gozão, em morada certa pulava, de coração em coração. Tudo o que fosse proibido, curiosidade despertava, e quando encontrava um "pinga",no seu coração assentava.

Até que um dia o vadio numa esquina caiu, e quando se levantou nem acreditou no que viu. Seria álcool ou ilusão o que estava na esquina?!?! A dona do coração era uma linda garina!

Patético e atropalhado quase se engasgou, enquanto pedia desculpa o olhar desviou. O tempo foi passando e ficando doente. De noite sonhava com ela de dia parecia demente. E um dia o destino resolveu funcionar e num barzinho do mundo, os dois foi juntar. Palavra daqui e dali, convite pra jantar, de uma ida ao cinema a madrugada a dançar. E o namoro começou da etiqueta á loucura, não vivem um sem o outro, é só paixão e ternura. E depois vieram as brigas, os ciúmes, as separações, a família, as muitas amigas, os beijos e reconciliações.

Por natureza inquieto, não fosse ele o amor, estar longe e querer estar perto, vivia num pavor. E um dia o aventureiro a rainha foi buscar e pro seu coração de vez foi morar; e nasceram corações e corações a desabrochar, todos para o Amor mais tarde vir a morar.

E agora o amor velhinho

De cajadinho na mão, preparando ele está renascer num coração
E volta tudo de novo, sempre a acontecer; o amor é mesmo assim... pra sempre a renascer.

E voltou tudo ao principio, e no principio recomeçou e quem não sorrir com a estória decerto nunca amou...

Rita Duarte, 14 de fevereiro 2012



Ticiano



Pintura de Nicoletta Tomas

Nos bastidores de um carnaval chuvoso



Pela minha memória passou então um Carnaval longínquo...

Estava junto ao Castelo, o curso tinha acabado. Como sempre tinha percorrido o recinto espalhando brilhantes e fitas e participando na batalha de flores (ou de sacos de serradura) na Praça dos Correios.

Aquela gente que agora subia a rua dirigia-se para o baile da Esplanada. Iam aos grupinhos usando as fatiotas da época.

À noite, uns amigos convidaram-me para ir ao baile. E lá fui eu. Vestia uma sainha "evasé", de feltro castanho escuro, bem acima do joelho, e um casaco canelado, cor de laranja, que deixava ver os folhos da blusa de cambraia branca. Não parei na cadeira... "dança comigo?" O grupo musical tocava uma rapsódia de música popular: "Ooooliveirinha da serra, o vento leva a flor..." "Aaaaalecrim, alecrim doirado, que nasce no campo, sem ser semeado..." "O raspa, o raspa, o raspa..." ao que se seguia: "Receba as flores que eu lhe dou, e em cada flor

um beijo meu..." E as músicas eram cantadas em uníssono pelo vocalista e por nós. Alguns dias depois li numa revista brasileira a representação dos três dias de Carnaval: Numa sala entra pela janela uma linda ave que rodopia e canta espalhando alegria. No segundo quadro ela já cansada continua hilariante e no terceiro quadro ela parte, pela mesma janela, deixando um rasto de tristeza e um vazio imenso. E eu, que nem apreciava banda desenhada, percebi tão bem aquela mensagem.

A voz do segurança despertou-me: - Agora!... e os foliões param no limiar da porta de vidro. Respiram fundo, contêm uma lágrima e de cabeça erguida lá vão ocupar o seu lugar no curso. E quando o último sai, eu ponho o capuz do meu Kispo branco sobre a cabeça, tiro a máquina fotográfica e vou com eles... Volta, linda ave doirada, de bico vermelho. Nós esperamos por ti no próximo Carnaval.

Cacilda Silva

A visão xamânica do Mundo



O xamanismo é um conjunto de crenças e de práticas mágico-religiosas muito divulgado nas comunidades que o integra, sendo a sua origem bastante remota. O termo, dado pelos etnógrafos russos (xamã) tem origem na língua evenca, própria de um pequeno grupo de caçadores e pastores de renas da língua primitiva tungu, falada no nordeste da Sibéria. Caracteriza-se por rituais mágicos de um tipo muito particular. Na sua forma generalizada abarca relações com espíritos, demónios, possessão e êxtases ritualizados, obtidas com danças ao som de tambores. É praticado no estado puro por populações da Ásia Central e Setentrional (Tibetanos) e espalhado pelas tribos do mundo inteiro sob as mais variadas formas de rituais (Ásia, Europa, Américas, África e Oceânia). O xamanismo é praticado pelos xamãs, indivíduos escolhidos pelos espíritos e ensinados por eles a entrar em transe e a voar com as almas das pessoas até outros mundos, no céu ou a descer através de enormes fendas nos gelos até aos terríveis mundos nos confins da terra. É personagem respeitada, dotada de um estatuto social e sobrenatural mas temida pela tribo onde pratica os seus rituais de curandeiro e elo de ligação entre os homens e as entidades invisíveis. Fora do âmbito das regiões em que a crença é institucionalizada a palavra xamã, por vezes, é interpretada com o sentido vocacional de curandeiro, feiticeiro, mago ou bruxo. Inúmeras vezes, através dos tempos, apelidados de loucos infernais foram sujeitos a tremendas perseguições. Na década de 60 foram considerados uma invenção preservada e insípida da imaginação dos antropologistas. Na realidade e no contexto social o xamã desempenha as mais diversa actividade desde médico, sacerdote, místico e até prestação de trabalho comunitário. O êxtase, obtido por enfraquecimento físico e alucinogénico, é o seu processo de actuação. Simboliza, assim, neste transe, a fuga da alma para fora do corpo para viagens celestes ou a abismos infernais. O xamã possui, como meio de actuação, numerosas técnicas como a ventriloquia, prestidigitação, tudo levando a crer que é um arduo e consciente aldrabão. Na verdade, os seus truques são reais e encaixam nas várias crenças a que o xamã, o grupo e os doentes estão fortemente ligados. Daqui a explicação do bom êxito terapêutico do xamã. Lévi-Strauss, realça as semelhanças que há entre a cura xamanística e a cura psicanalítica. Neste caso, um doente perturbado por males que não compreende, vê-os desaparecer na relação efectiva que o une ao seu analista e no discurso que ele constrói graças à intervenção deste. O xamã, de certo modo, pode considerar-se um psicoterapeuta em que a teoria é supostamente substituída por uma mística. Apesar de tudo, no campo psíquico, o desempenho do xamã pode considerar-se perigoso, o risco de insanidade e morte é constante. Não há xamanismo sem sociedade e muito menos sem cultura envolvente. Mas, na medida em que a função do xamã é a cura, compreende-se facilmente que o xamã seja o primeiro a tirar benefícios dos efeitos curativos do seu trato com os espíritos sobrenaturais.

Vitor Mendonça

Visita às Minas de S. Domingos



No dia 5 de Novembro fomos visitar o Complexo Mineiro de S. Domingos, o Museu do Contrabando em Santana de Cambas e a zona portuária do Pomarão.

A exploração mineral no local de São Domingos é anterior à invasão romana da península Ibérica, período em que os trabalhos se intensificaram com a exploração do "chapéu de ferro" que cobria a massa piritosa, para a exploração de cobre, ouro e prata.

Em 1858 tem início a moderna exploração da mina, por iniciativa da companhia de mineração "Mason & Barry". Os trabalhos prolongaram-se até 1965, ano de esgotamento do minério e de encerramento da mina. Neste período, a lavra foi feita a céu aberto até aos 120 metros de profundidade, tendo os trabalhos continuado por meio de poços e galerias até aos 400 metros.

Com o fim da lavra, a aldeia mineira entrou em decadência. Esta foi a primeira aldeia do país a ter luz elétrica.



O Museu do Contrabando mostrou-nos uma forma de viver numa pequena aldeia, em que se conciliava a ação ilícita com o único ganha pão do local.

Informática nas aldeias

“Já sei levar o rato às letras”

Cidália Catarino: a vontade de aprender ao longo da vida.

A vida tem dificultado a aprendizagem a Cidália Catarino, moradora no Paiol e aluna das aulas de informática leccionadas pelo Prosas nas aldeias. Fazendo face aos obstáculos, a discípula não desiste de adquirir novos conhecimentos, para juntar aos sábios ensinamentos que foi somando ao longo da vida.

Desanimada com a frequência quinzenal das aulas de informática, Cidália Catarino desabafa: “estou quase como estava, ainda só tivemos três ou quatro lições e eu não tenho computador em casa nem ninguém que me ensine...”. A vontade de aprender da moradora do Paiol tem-se sobreposto aos obstáculos e Cidália Catarino não falta a uma aula. “Eu gostava de aprender, se encarrilhasse com aquilo até era capaz de comprar um computador”, confessa. O projecto que leva as aulas de tecnologias da informação às aldeias do Paiol e Porto Covo teve início em finais de Novembro último, somando cerca de meia dúzia de alunos em cada localidade. Apostada em ensinar os habitantes mais maduros a mexer num computador, a Associação Prosas transporta, em semanas alternadas, o material necessário até aos núcleos rurais, onde se pode aprender, por exemplo, a mexer no rato.

“Já sei levar o rato até às letras e agora da última vez era escrever”, resume Cidália Catarino, prestes a completar 69 anos. O professor, cuja figura varia, “traz testes para a gente fazer, mas eu ainda não consegui fazer nenhum sozinha”, lamenta. O ideal, na opinião da aluna sénior, seria que as aulas tivessem lugar “duas vezes por semana”. Enquanto tal desejo não se concretiza, a moradora vai fazendo jus à vontade de aprendizagem que sempre a tem movido na vida. “Eu na escola até não fui das piores! No ditado não, mas nas contas sempre fui bem”, conta a proprietária do único restaurante local, onde trabalhou durante décadas ao lado do marido.

“Andei na escola até aos nove anos, quando tive de sair para cuidar dos meus irmãos. Depois, já com 14 anos, voltei para fazer a 3ª classe”. Impedida de prosseguir os estudos pelas circunstâncias da vida, Cidália Catarino não se resignou e já casada, com a tarefa de

assegurar o balcão da 'venda' e receber o correio dos moradores, lançou-se novamente na escola. “Já estava muito esquecida das contas de somar e fui fazer a 4ª classe, na altura já tinha o meu filho mais novo”, recorda. Guarda carinhosamente o diploma ao lado do do marido, que completou a 4ª classe um pouco antes da esposa, “para poder tirar a carta”. Lembra ainda o dia do exame, em que se sentou ao lado da mulher do professor: “ela também ainda não tinha a 4ª classe”.

Apesar da pouca escolaridade, os sábios ensinamentos e as estórias de outrora de Cidália Catarino são mote da curiosidade de muitos. “No outro dia, pediram-me para explicar como se faz a água-mel. Eu aprendi a fazê-la há mais de 50 anos, antes de casar. Foi a Ti Maria Bárbara, avó do meu marido, que me ensinou. Ela morreu pouco depois e hoje já pouca gente sabe fazer!”.

As aulas de informática em Porto Covo e no Paiol já começaram com muito entusiasmo, tanto dos professores, como dos alunos. Só é pena que sejam de 15 em 15 dias!



Porto Covo



Paiol



Paiol

Para ti pai



Hoje olhei-te pai. Mas não com o olhar com que te olho todos os dias, não com aquele olhar vago e inquieto que levo quando te visito, objectivando apenas o saber se estás bem para poder voltar para casa tranquila e com a sensação do dever cumprido.

Não! Hoje olhei-te mesmo!

Tirei a névoa da pressa que não me deixa descortinar para além do que está visível e olhei-te com o coração...

Do teu metro e meio, os teus olhos eram dois faróis de ternura a olhar-me, como se quisessem reter-me para sempre dentro deles e foi nesse momento que os meus te fitaram.

Agarrei as tuas mãos com o pretexto de te perguntar por elas mas só queria afagá-las. Trémulas e deformadas, são a narrativa fiel duma vida dura pela qual lutaste com todas as tuas forças e empenho e há qual nunca renegaste. Pelo contrário, contas todos os seus episódios com o orgulho de quem a viveu intensamente e com muita honestidade. Elas falam de como atravessaste os temporais da tua existência, da bravura com que enfrentaste o mar, aquele que tanto amas, de onde tiraste o sustento mas que não te isentou de perigos... Contam os detalhes de como não deixaste que esse mesmo mar te engolissem, nas várias tentativas que fez para te arrebatam e da forma como o fintaste num dia de Maio, quando ele medindo forças contigo pôs à prova a tua destreza de "lobo do mar" e a tua fé. Nessa luta desigual, ganhaste. Pusete a salvo a tua vida e a de todos os homens que de ti dependiam, levando para bom porto aquele barquinho que mais parecia uma casca de noz ao sabor dos seus caprichos. Eu, a tua menina, fiquei de olhos arregalados na amurada como se estivesse à janela a viver um pesadelo, esperando o pior desfecho. Tantas estórias têm as tuas mãos para contar...

Foram elas, outrora fortes, que me ensinaram a nadar e que me abraçavam logo pela manhã quando eu fugia da minha cama para me aninhar nos teus braços em busca de protecção...

As tuas mãos pai, eram o meu porto de abrigo e as tuas sensatas palavras eram o bálsamo para todos os momentos difíceis. Lembro que nesses momentos o medo se evaporava. Eras o meu paizão.

Ó pai e eu tenho sempre tanta pressa...

As nossas mãos ainda se agarravam e os teus olhinhos pequeninos, cheios de carinho razaram de lágrimas e foi nesse momento que tomaste a iniciativa de me abraçar... perdi a pressa pai. Ficámos ali que nem dois tontos pronunciando palavras salteadas mas que ambos conhecemos de cor...

Sabes pai, no meu regresso a casa perdi a pressa. Agora sou eu que quero reter para sempre este abraço, sou eu que quero registar para sempre o teu olhar carregado de amor por mim em dois braços que frágeis e trémulos me enlaçaram.

Não quero mais sentir a pressa que me afasta de outros abraços, porque não sei quantos mais teremos oportunidade de dar.

Obrigado meu "Almirante das histórias"! Da tua menina...